



O bom bruxo ao seu coven retorna...

Os dias de Maurício voltaram a ser monótonos desde que retornou de Porto Alegre. A vida no seu coven era nesse estilo, além de passar a maioria das tardes treinando a sua bruxaria e assistindo aulas sobre magia ou coisas “mundanas” como, por exemplo, qualquer matéria oferecida na grade curricular de uma escola, o garoto preto de cabelos cacheados também tinha que ajudar na missão daquele grupo de bruxos e bruxas. Missão qual se tratava em ajudar a encontrar novos membros e monitorar o uso de magia suspeita, além de proteger itens com a prática considerada banida pelo conselho.

Quando não estava preso em uma dessas atividades, o rapaz poderia ser encontrado deitado em sua cama, no quarto que dividia com um dos seus irmãos de coven. Trocando mensagens com Miguel desde o dia em que retornou da sua última missão. — Sim, O Bruxo e o Anjo Noturno estavam mantendo contato via WhatsApp. Um se tornou o “contatinho” do outro.

Foi quando acontecia uma dessas troca de mensagens de texto que Maurício foi informado por Carolina que a líder do coven, a Madame Úrsula (uma mulher já idosa, caucasiana e de volumosos cabelos ruivos) queria conversar com o jovem no escritório da casa.

Vamos falar brevemente da construção onde o coven se estabeleceu alguns anos atrás.

Uma casa antiga, já foi usada antes como a casa grande de uma fazenda e hoje em dia, parte do terreno que fez parte dessa fazenda abrigava as casas dos vizinhos. Uma construção datada do período colonial do Brasil, simples e ao mesmo tempo extravagante com dois andares e bastante espaçosa por dentro.

No segundo andar se localizavam os quartos dos membros do coven, além dos banheiros divididos por sexo e do quarto principal onde dormia Úrsula. No primeiro andar havia mais dois banheiros, a cozinha e a sala de jantar, além da sala de estar, escritório e biblioteca. Nessa última era onde as aulas eram ministradas pela líder da irmandade de seres humanos mágicos. Apesar de ser uma casa bem antiga, ainda estava conservada como se fosse nova. Parte disso se deve a presença da energia mágica que repousou por ali desde a chegada dos primeiros bruxos e bruxas que fizeram parte daquele grupo.

Aos fundos ainda tinha um jardim que conseguia abrigar a estufa para o cultivo de plantas, ervas medicinais ou verduras, vegetais e legumes para o consumo dos moradores.

— A senhora queria me ver? — perguntou o preto ao entrar no escritório e encontrar a mais velha conversando com sua planta de estimação.

Úrsula deixou sua planta de lado e sorriu para Maurício, ficando atrás da sua mesa.

— Sim, enquanto os outros estão em uma missão de recrutamento, pensei em te levar para conversar com o conselho mágico no mundo mágico. — disse a idosa sorrindo. A voz de Úrsula era um clássico em qualquer lugar do mundo, a voz rouca de uma pessoa que passou metade da sua vida fumando três maços de cigarros por dia.

Quando escutou o que a ruiva disse, Maurício deixou sua boca aberta e seus olhos arregalados. “Conversar com o conselho mágico? No mundo mágico?” se perguntou em seus pensamentos.

Já havia alguns séculos desde que os magos mais poderosos uniram suas forças e criaram uma dimensão alternativa. Literalmente uma bolha onde o mundo mágico, que, na verdade, era do tamanho de um país como o Brasil, se localizava a salvo do preconceito dos humanos que não foram abençoados com o dom da magia por uma deusa da mesma maneira que uma linhagem específica da espécie foi em algum momento da história humana.

– Por quê? – perguntou Maurício deixando sua surpresa transparecer com mais ênfase.

– Como assim “por quê”? – Úrsula respondeu com outra pergunta, se utilizando de um tom como se fosse uma professora rebatendo seu aluno mais problemático com o óbvio. – Foi você quem viu aquela feiticeira retornar... Foi você que ouviu as ameaças dela. Penso que seja um motivo muito forte para que você mesmo descreva ao conselho mágico.

Nos poucos instantes em que Maurício ficou em silêncio depois daquela resposta, o preto se lembrou da visão da Francesca e da demonstração gigantesca de poderes da mesma. O rapaz concordou com a viagem até o mundo mágico. Apesar de bruxos não poderem abrir portais, todos os covens na Terra possuíam em algum lugar um portal presenteado pelos magos do conselho, uma passagem para o mundo mágico. Fosse ele no jardim (como era o caso desse em especial) ou em um porão. Como já foi dito, o mundo mágico não era uma dimensão natural. Fruto completo da magia mais poderosa de três magos que foram os primeiros membros do conselho.

Para proteger os seres mágicos que queriam mais proteção, três magos poderosos se uniram e conseguiram criar uma bolha dimensional onde o que chamaram de mundo mágico foi erguido. Uma realidade do tamanho de um país, onde muitas famílias de linhagens antigas escolheram viver e é onde a fonte de toda a magia para bruxos, feiticeiros ou magos se encontra e é protegida. Também lugar em que o conselho mágico possui residência física, comandado por três magos escolhidos a cada nova geração.

O portal deles se localizava nos fundos do jardim atrás da casa grande, entre duas árvores antigas. Ambos vestiram suas vestes mágicas, sobretudo de cor preta por cima de suas roupas comuns e juntos, Maurício e Úrsula, atravessaram para a bolha de realidade.

Na entrada do mundo mágico havia um grande portão em frente a uma floresta densa e cheia de neblina, se qualquer um fosse para aquele caminho sem abrir o portal para a Terra, acabaria preso em um mundo espiritual. O muro do portão era feito de pedras redondas e de várias cores diferentes, brancas, cinzas e marrons. As grades que formavam a entrada para mais além daquela bolha era feita de metal, Maurício sempre ficava de boca aberta quando retornava aquele lugar.

Ele parecia voltar no tempo, para uma Idade Média sem toda a porqueira que aquele tempo deveria ser. Sem a sujeira ou o mal cheiro. A eletricidade do mundo era alimentado pela mesma fonte de os poderes mágicos saíam. Havia internet, luz elétrica e muito mais graças a magia. Com certeza a construção mais emblemática daquele lugar era o castelo do conselho mágico, algo que poderia ser descrito apenas como se o castelo da Cinderela tivesse sofrido uma fusão com o castelo de Porto Real da série “Game Of Thrones”.

Na sala onde o conselho dos três magos se localizava, todos grisalhos, os velhos ficavam em um lugar alto, sentados. Ouvindo, aconselhando, dando soluções ou batendo martelo para sentenças mais graves.

O do meio, Merlin, um homem negro com uma longa barba branca assim como o cabelo em sua cabeça, olhar profundo de sabedoria. O da direita, Teodor, um homem indiano de pele escurecida com cabelo branco e olhos cortantes como a lâmina de uma espada bem afiada. Por fim, mas não menos importante, o da esquerda, conhecido por Conrad, um homem caucasiano com a mesma idade dos seus colegas, mas cabelos em tons de cinza assim como sua barba curta.

Nesse momento, Maurício se encontrava frente a frente com os três magos do conselho e havia acaba de baixar o capuz da sua vestimenta, seu olhar estava tremendo assim como suas mãos que ele tratou de esconder em suas costas. Nunca tinha visto aquele trio de tão perto como agora.

— O que tem para nos contar? — perguntou Merlin, sua voz soava mais nova do que sua aparência, mas, ainda assim, o som tinha um impacto respeitoso em quem a ouvisse. — Foi informado a nós que você tem importantes informações para compartilhar.

— Sim. Eu tenho. — respondeu o rapaz preto, tentando acostumar sua voz a conversar com aqueles homens. — Sobre uma antiga feiticeira que foi colocada em uma prisão mágica por si mesma.

— Continue... — disse Conrad, interessado.

— Francesca o nome dessa feiticeira. Ela foi líder do seu coven, mas tentou usar a magia para fazer uma revolução no mundo todo e quando seu clã se virou contra ela, ela mesma se aprisionou em um feitiço considerado contra os regulamentos atuais. Ela foi, na

minha frente, trazida novamente a nossa realidade por um seguidor seu que está sob efeito de mais uma feitiçaria banida. O mesmo homem que roubou um livro dos elementos proibidos do coven do qual faço parte.

Os magos trocaram olhares, pensativos sobre as informações que acabaram de escutar.

– O que mais pode nos dizer, jovem? – perguntou Teodor mantendo seu olhar em Maurício. A sua voz era tão cortante como uma olhada sua, entretanto, o bruxo tentou permanecer concentrado em contar tudo o que queria revelar.

– Ela diz ter novos planos, mas ainda não sei exatamente do que ela está falando. Seu plano, antigamente, era libertar todos as pessoas pretas que na época eram escravizadas no Brasil. Com isso, ela criaria uma nova sociedade... Agora, eu não tenho certeza, mas pelo que entendi do discurso dela, ela deve focar nos seres mágicos em geral. Acredito que ela pode ficar sabendo de antigas discussões e batalhas entre usuários da magia para fechar a passagem entre a bolha e a Terra. – disse Maurício dando também a sua teoria do que poderia vir a acontecer futuramente.

– Muito obrigado por suas informações. – disse Merlin, o ancião preto de barba branca. – Vamos ficar de olho em movimentações suspeitas.

– Obrigado por me receberem. – disse Maurício por fim.

O bruxo mais jovem encontrou com Úrsula em frente ao prédio do conselho dos magos, a mulher havia ficado naquele lugar esperando pelo seu pupilo. Certamente ela saiu para comprar um sorvete, como a casquinha em sua mão denunciava por si só.

– Como foi? – perguntou a ruiva.

O garoto de cabelos cacheados suspirou e passou sua mão em sua testa.

– Eles falaram que vão ficar de olho em movimentos suspeitos. A ruiva mais velha soltou um ar pela sua boca.

– Então, vamos esperar que eles façam isso mesmo. Vem comigo, eu tenho que visitar uma velha amiga minha. Ela quer conversar sobre seu filho, talvez ele vá para o coven. – explicou Úrsula voltando a andar.

– Se juntar ao coven? – perguntou Maurício surpreso. – Não sabia que bruxos do mundo mágico pensavam em se juntar a covens na Terra... – disse o rapaz de cabelo cacheado achando aquela informação nova estranha.

– Não subestime o poder de aprendizagem de um coven, Maurício.

– Não é isso, Úrsula. É que aqui... – levantou suas mãos para poder mostrar mais amplamente tudo. – Os bruxos... Feiticeiros também, vivem literalmente em uma realidade diferente. Não existem covens aqui, às vezes, eu tenho a impressão que para esse povo coven são tipo um lugar para onde eles vão quando querem ser castigados. – explicou Maurício.

– Mas essa minha amiga acredita que seu filho pode se tornar beneficiado com o nosso clã, meu caro e jovem rapaz. – explicou a mais velha sorrindo, os dois pararam de andar por algum tempo curto.

– Se você diz. – concluiu Maurício.

Úrsula sorriu novamente e voltou a andar, quando o mais novo faria o mesmo os dois foram surpreendidos por uma explosão no final daquela rua. A fachada de uma casa foi destruída por esse ato, dessa mesma residência um Grifo saiu ganhando o céu azulado do mundo mágico.

Em seguida, pousou naquela rua, uma criatura com o corpo de um leão feroz, cabeça, asas e garras de uma águia sedenta por assassinato, assustando os demais bruxos que estavam passando por ali e ficando chocados com a presença de um animal mitológico como aquele presente ali. Maurício não se surpreendeu com a reação deles, pois sabia que naquele lugar, seres humanos banhados com o dom da magia não sabiam utilizá-la para lutar como foi ensinado a ele e seus irmãos de clã.

A cabeça de águia abriu seu bico e rugiu e girou sua calda que ao acertar um poste de luz o quebrou no meio. O animal era nitidamente forte, sua altura superava a de um elefante e parecia bastante irritado, de qualquer forma, tanto o garoto preto quanto a ruiva não podiam explicar o que um ser mitológico fazia por ali. Apesar de ser uma dimensão mágica, não era natural.

Maurício percebeu que da casa que havia sido destruída, canos de água ficaram expostos. O rapaz correu na direção do animal e se utilizou do seu controle sobre o ar para dar um salto impulsionado, alcançando o mais alto que conseguiu manipular e quando realizou um movimento com seus dedos, a água dos canos pararam de cair direto na rua, pois começaram a correr, como se fosse o caminho natural de um rio, na direção de suas mãos.

Mas foi pura sorte quando Maurício conseguiu fazer um escudo hídrico no instante em que o Grifo lançou em sua direção uma rajada ardente.

– Poderia me ajudar?! – Maurício gritou para Úrsula.

Quando o Grifo notou a presença da mais velha, bateu suas grandiosas asas brancas e laranja. Como um foguete voou em direção de Úrsula, a mulher precisava pensar rápido e foi assim que concluiu que seria melhor apenas lançar um tufão de ar contra aquele bicho. Foi certo, pois quando a rajada de ar pegou no

peitoral daquele animal feroz fez com que a criatura mitológica fosse jogada do outro lado da rua, caindo tonta no chão.

Juntos, Úrsula e Maurício levitaram os tijolos que um dia fizeram parte da mesma construção destruída, deixando alguns em cima das asas do autor daquela destruição. Prendendo o animal, o fazendo dormir, para finalizar, a mais velha jogou um pó na cara do Grifo e o fez dormir.

Uma mulher um pouco mais nova que Úrsula e um garoto um pouco mais novo que Maurício, saíram dos destroços da casa. Conseguiram se proteger graças ao alçapão para o porão.

– Úrsula? – perguntou a mulher de cabelos castanhos chocadas ao ver a ruína.

– Clarissa... – disse Úrsula em um sussurro.

Por cima de uma mesinha de centro se encontrava uma carta, parecia com as famosas cartas de tarot, mas havia o desenho do mesmo Grifo de antes estampando a maior parte do material, o animal estava sobrevoando uma cidade destruída na gravura um tanto antiga.

De frente para Úrsula e Maurício se encontravam: Clarissa, uma mulher de cabelos castanhos e olhos escuros, vestia um vestido que lembrava muito os mesmos que as mulheres ricas vestiam durante o Brasil de Dom Pedro II, seu cabelo preso em um penteado alto e um broche em seu peitoral;

Cuauhtémoc, um adolescente de pele caramelo e olhos castanhos, traços europeus e cabelo bem escuro.

– Cartas? – Maurício foi o primeiro a perguntar, nunca viu magia ser utilizada daquela forma em toda sua vida, apenas lido algumas coisas sobre o assunto, mas pensava ser coisa de feiticeiros ou magos.

– Sim. – começou Úrsula a explicar. – A família de Clarissa vem de uma antiga linhagem de bruxas. Seu sobrenome faz parte das primeiras famílias a ser apresentada com a magia em nosso mundo.

– Naquela época, como o nosso mundo e o mundo em que a fonte mágica ficavam em contato constante, era comum realizarmos contratos com criaturas dessa dimensão. – explicou Clarissa em um tom calmo, sorrindo. – Mesmo depois que essa conexão tenha ficado restrita apenas a fonte que é protegida por essa bolha de realidade, famílias que realizaram contratos com essas criaturas mágicas antes disso acontecer, ganharam o aval do conselho para continuar se beneficiando dessa magia em particular.

– Confuso, eu não sei se entendi tudo direitinho... – confessou o jovem preto.

– Bom. – continuou a mulher de vestido longo. – Eu quero muito que meu filho vá viver em um coven, pois assim ele pode aprender a magia tradicional de um bruxo também, mas é porque eu também quero que ele tenha experiências que eu não tive. Sei muito bem que o meu Temo vai ser beneficiado de uma vida assim.

No instante em que Clarissa falava sobre suas motivações para que o filho fosse viver na Terra em um clã de bruxos e bruxas, Úrsula passou esse tempo todo olhando para o garoto, O analisando da cabeça aos pés.

– O que você sabe de magia básica, garoto? – perguntou Úrsula assim que a amiga terminou de falar.

Cuauhtémoc foi pego de surpresa pela pergunta, seus olhos ficaram bem abertos e sua boca semiaberta enquanto ele tentava buscar uma resposta.

– Eu... Ahm... Eu... – a voz do adolescente saía tremida.

– Ele sabe bem pouco. – respondeu a mãe demonstrando sua falta de paciência para com o tempo do filho. – Como podem ver, Temo também tem muito pouco tato social. Ele precisa conviver com outros jovens, aprender coisas que eu não posso ensiná-lo.

Maurício ficou em silêncio, escutando a conversando e pensando se a melhor coisa para aquele jovem seria mesmo estar um coven da Terra. Ainda mais naquele momento em que Francesca havia retornado e pensando em um plano para realizar sua vingança que ficou em pendência durante séculos.

– Tudo bem, você vem conosco, Cuauhtémoc. – disse Úrsula sem esboçar nenhum sorriso, expressão neutra.

O rapaz de pele caramelo ficou surpreso, então, sorriu e concordou com sua cabeça.

– Certo! Mas... Pode me chamar de... Temo, como minha mãe. É mais fácil.

– Certo, Temo, faça suas malas e venha conosco. – disse a mulher mais velha ainda sem demonstrar suas emoções. – E você, Clarissa, tenha a certeza de que seu filho fará parte do meu coven como nosso verdadeiro irmão.

– Ah, muito obrigada, Úrsula! Muito obrigada! – agradeceu a mulher emocionada.

Depois que as malas do garoto foram preparadas por ele e pela mãe, acompanhou com Maurício ao seu lado, Úrsula até a entrada da bolha mágica. No mesmo lugar por onde haviam entrado a bruxa mais sábia abriu o portal.

Cuauhtémoc estava ansioso para saber o que tinha do outro lado. Nunca havia pisado na Terra, não sabia como as coisas funcionavam no lugar que em sua mente era tão mítico quanto o paraíso é para os homens. Apenas leu sobre como os seres

humanos sem mágica são, a cada passo perto de uma nova realidade seu coração batia com mais força. Sua ansiedade aumentava, sua boca secava.

Um mundo novo estava esperando por ele...

